

Serão aceitos
com especial agrado
artigos de interesse
geral.
Não se devolvem au-
thographos.

ECHO MUNICIPAL

Proprietarios
Blairia & Seixas

REDACTOR
M. S. do Seixas

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

Publica-se aos Domingos. Preço dos assignatarios para esta frequencia 9\$000, para for. 10\$000, por annos mais de um anno, An-
nuncios a 100 réis por linha e 50 réis para os assignantes; publicações a pedido, o que se estipular. Tudo o pagamento adiantado.

Collaboração

A cremação

(Resposta á Cincinnati)

Respondo á illustrada collaboração
do Echo Municipal.

Não sou monarchista: detesto a
realidade e por isso não tenho fé, nem
confiança no governo do meu paiz,
seja liberal, seja conservador.

A minha educação foi democratica,
foi republicana: minha mãe, que se
chamava Cornelia, ensinou-me bem
cedo a religião do dever e mostrou-me
quaes erão as qualidades moraes
que formão o caracter de um bom
cidadão.

Detestando os reaes procedi-
mentos dos Perquisitos, considerei
um Bruto como o homem mais digno
de dirigir o Estado, pelo facto de
sumir em si, como cidadão, todo o
desinteresse, toda a abnegação, todo o
respeito á lei e ao dever, de que já-
mais houve exemplos na historia.

O seu conselho produziu homens
como Porcena e Macio Scavola, e ma-
lheres como a virgem Clélia: cidadãos
que punhão fôrça de tudo o amor
da patria.

Eis quem sou e o que penso: per-
tenço á familia dos Gracchos, não a
republica como o ideal dos governos,
e detesto o governo immoral, que to-
do transgrede, que calca aos pés os
principios do dever e ultrapassa as
regras da legalidade.

Se isso é pensar bem, eu devo dizer
e devo mesmo affirmar que as nações
monarchicas, regidas por sobera-
nos que se dizem constitucionaes, não
teem mais do que um governo pessoal
que de dia para dia se vae transfor-
mando em despotismo cruel e tyrani-
a lamentavel.

A monarchia, seja qual for o nome
com que se mascara, aviltando os ca-
racteres, cria o servilismo.

E' o que vejo presenteado neste
paiz, para onde me trouxa um es-
pírito amante das liberdades phylicas
de Alan-Kardee.

Estava eu no meu quarto, bem tran-
quillo, em companhia dos meus com-
patriotas e correligionarios politicos,
quando fui evocado a este mundo de
miserias e a este paiz maltratado.

Eu conhecia bem a terra em que
pizava, pois lembrei-me de que fui
morto depois do assassinato de meu
irmão Tiberio.

Porem, apesar de tudo isso, não

é a evocação e deixei os meus
Cinco Elysios.

O século actual e os governos do-
minantes têm um grande desejo de
guerrear, mesmo aquelles que já
morcerão.

Amantes de novidade, e só com o
fim de fazer mal á humanidade das
pessas monarchicas não sabem mais o
que hão de inventar para lisongear a
opinião, ter sempre á seu lado a mai-
oria, formar partido numeroso, que
os possa sustentar á despeito dos
proteitos dos bons cidadãos.

E' o que se faz neste paiz: ao a-
cuno de poder tudo se move.

Hoje são Ministros aquelles que
hontem chamavão as fardas de libras,
os Estadistas que as vestião de crua-
dos, os membros do governo — de sal-
teadores, cupido de o Rei.

E esses homens, que se distão re-
publicanos, forão, ao aceno do po-
deroso varão ante o throno do mo-
narcha.

Folhas tempos, em que a virtude
cívica, a consciencia, a moralidade, o
caracter se palvavam as

Em Roma, quando florescente,
nunca se deu tal facto: Tiberio
Graccho foi assassinado, victima do
seu patriotismo e do seu caracter;
meu pai, Sripão o Africano, foi o
modelo do patriotismo e da dedicação
á republica; e eu, defendendo os in-
teresses da Republica e do povo, fui
morto.

E hoje o que fazem os homens do
Governo? Querem o absurdo, o
paradoxo e o contradictorio.

Tatão de tudo, menos da felicidade
publica.

Houve um que, para se pôr em evi-
dencia pensou na cremação dos ca-
daveres.

Cincinnati, a meu bom compatriota
que foi arrancado á relha de um ara-
do para ser dictador, e que seis me-
zes depois voltava para o seu traba-
lho, deitou com todas as forças de
sua dialectica invencivel a cremação!

Sim, a cremação!... a cremação de
cadaveres! esse absurdo, rejeitado
por toda a sociedade culta e por todo
o paiz civilizado!

Eu que pasmo, ouvindo falar nisso;
eu que, sobre a vida de todas as na-
ções do mundo, folheei a historia de
todas as pazes, examinei todas as
civilizações, e, conclui, que a idea da
cremação, considerada sempre um
absurdo inquestionavel, sempre pare-
ceu repugnante á todos os povos,
antigos e modernos.

Contraria aos sentimentos naturaes
do homem, subversiva de toda idea
de ordem e religião, transgressora

dos principios legais estabelecidos e
dos costumes publicos, a cremação de
cadaveres não pôde ser encarada se-
não como um projecto destinado a
fazer barulho, á semelhança de qual-
quer dissurgio bombastico.

Para demonstrar-o, não necessita-
remos argumentos vigorosos, não é
preciso recorrer-se á dialectica, o sim-
ples bom senso é bastante.

Mas, perguntarei: que nação da
antiguidade adoptou essa absurda
maneira de funeraes? Nenhuma.

Os Egyptios, cuja civilização pas-
sou á Grecia, tinhão tanto respeito
aos seus mortos, que construíram
pyramides para os depositar, que in-
ventarão o embalsamamento para con-
servarem as formas dos corpos dos se-
us maiores, que nunca se lembrarão
de profanar, por meio da cremação,
os cadaveres d'aquelles que em vida so-
frerão accusações terriveis, e que erão
transportados para a ilha do Nilo.

Os Gregos nunca pensarão em tal;
e, alem de muitos factos que o provão,
a historia nos dá circumstancias no-
ticia do tumulo de Leonidas e dos 300
Espa tanos mortos nas Thermopy-
las.

Os Romanos, da mesma forma:
alem de muitos factos indicativos, te-
mos a sua historia escrita em linguaagem
escripta, que é, sem contestação al-
guma, a mais solemne manifestação
dos seus costumes publicos.

Os Hunos, os Godos, os Wisigo-
dos, os Gepidas, todas as nações bar-
baras, emfim enterravão os seus mor-
tos.

Os Hebreus fazião o mesmo; a
historia nos falla com bastante inte-
resse dos tumulos de Sara e de todos
os patriarchas.

Os Gaullezes tinhão os seus côm-
modos de pedras, aonde enterravão os
mortos.

Os outros povos, como os Baby-
lonios, os Persas, os Macedonios, os
Chinezes, os Tartaros, não nos consi-
derão que estabelecessem a cremação
de cadaveres como exequias dignas
de um morto, qualquer que fosse o
seu estado.

Apenas, uma ou outra excepção
encontramos; mas destituida de fun-
damentos.

Si assim é, se os proprios Barba-
ros tinhão repugnancia de um acto
barbaro e contrario aos seus sen-
timentos naturaes, como podem os po-
vos modernos e civilizados adoptal-o?

Não é de forma alguma: as na-
ções da Europa e da America, os
poucos Estados civilizados da Asia, as
Colónias da Africa, nunca em tal
pensarão.

Essa idea não partio dos seus go-

vernos, partio das cabeças treslouca-
das de certos homens que, se dicen-
do phylosophos e Estadistas, não
tratão senão de sustentar o paradoxo
e o absurdo, uma vez que ténhão fama
e adquirão fortuna.

E que necessitada levarião os go-
vernos modernos á fazel-o? Nenhun-
ma.

Traria alguma utilidade para o Es-
tado?

Seria uma medida aconselhada pela
Hygiene publica?

Não; como facilmente se deprehen-
de, pensando maduramente.

A cremação, pois, é um absurdo,
contrario aos sentimentos moraes e re-
ligiosos do povo, subversivo da or-
dem, e está em manifesta contradic-
ção com o espirito moderno das na-
ções civilizadas.

E' o que provari proximoamente,
quando entrarei na apreciação do topi-
co inquisitorial, de que se occupou
Cincinnati.

Por hoje limitar-me-hei á repetir as
palavras de um grande pensador mo-
derno, que nagistralmente tratou do
assumpo:

*La folie humaine braverait toujour-
s les leçons du bon sens et de la ra-
tion.*

Es por enquanto, vello-me á aos
meus Campus Elyseos, de onde fui
chamado por um discipulo de Alan-
Kardee.

Praza aos Céus que o meu evoca-
dor não seja cremado, depois de mor-
to!

Caio Graccho.
(Continua)

CAMARA MUNICIPAL

VILLA DO CRUZEIRO

Sessão ordinaria do dia 7 de Novembro
de 1878.

Sobra Presidencia do Senhor Firmo de
Mello Secretari B de Bruto.

Aos sete dias do mez de Novembro de
mil e oito centos e setenta e oito, no Paço
da Camara Municipal da Villa do Cruzei-
ro, Termo de Lorena, ás onze horas do
dia, onde se achavam o Presidente da mes-
ma o senhor Firmo de Mello, e os Vere-
dores Tenente Francisco José Gomes Ser-
pão Junior, Manoel Dias dos Santos Na-
vier, e os Supplentes dos Veredores con-
sueitos, Paulo Gonçalves Pereira, Rui
Joel Pereira dos Santos Castro, e José
Leões de Moraes.

Deixarão de comparecer sem parte
official os Veredores Seixas, e Raimundo
vaes, e os Supplentes dos Veredores con-
sueitos José Pinto Ribeiro, e o substituto
a ficarem nittados em dois mil e cem
réis na forma da Lei.

Deixarão de comparecer sem parte ofi-
cial os Veredores Guedes e Jacyntho e Al-
berto Muniz Barreto, em vista das razões
all-gadas forão attendidos.

E havendo numero legal foi pelo senhor
Presidente, declarada aberta a sessão.

Serão aceitos
com especial agrado
artigos de interesse
geral.
Não se devolvem
photographias.

BOHO MUNICIPAL

Redactor
V. S. de Sales

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

Publica-se aos Domingos. Preço das assinaturas para esta freguesia 95000 para fora 105000 annos de em anno. Anuncios a 100 reis por linha e 50 reis para os assinantes; publicações a pedido, que se effectuam a Tiro e pagamento adiantado.

Collaboração

A cremação

(Resposta a Cincinato)

I

Respondendo á illustre collaboração do Echo Municipal.

Não sou monarchista, detesto a realza; e por isso não tenho fé, nem confiança no governo do meu paiz, seja liberal, seja conservador.

A minha educação foi democratica, foi republicana: minha mãe, que se chamava Cornelia, ensinava-me bem cedo a religião do dever e mostrava-me quaes erão as qualidades moraes que formão o caracter de um bom cidadão.

Detestando os reis pelo procedimento dos Tarquínios, considero Luciano Bruto como o homem mais digno de dirigir o Estado, pelo facto de resumir em si, como cidadão, todo o desinteresse, toda a abnegação, todo o respeito á lei e ao dever, de que fundis houve exemplos na historia.

Como cidadão, prefiroz homem como Placido e Marco Sêneca, e não como os cidadãos que, por não serem de todo o amor da patria.

Elas quem são e o que penso: pertence á familia dos Gracchos, amo a república como o ideal dos governos, e detesto o governo immoral, que tudo transpõe, que calca aos pés os principios do dever e ultrapassa as regras da legalidade.

Se isso é pensar bem, eu devo dizer e devo mesmo affirmar que as nações monarchicas, regidas por soberanos que se dizem constitucionaes, não tem mais do que um governo pessoal que de dia em dia se vai transformando em despotismo cruel e terrivel e lamentavel.

A monarchia, seja qual for o nome com que se mascara, aviltando os caracteres, cria o servilismo.

E' o que vejo presentemente neste paiz, para onde me trouxe um emigrante, amante das theorias philosophicas de Allan Kardec.

Estava eu no meu estu, bem satisfeito, em companhia dos meus compatriotas e correccionistas politicos, quando fui evocado á casa nua de miseria e a este paiz maldito.

Eu combatia bem a terra em que pizava, pois lembrava-me de que foi morto depois do assassinato de meu irmão Tibério.

Porém, apesar de tudo isso, não

deci á cremação e deixei os meus Campos-Elysios.

O século actual e os governos dominantes tem um grande desejo de guetear, mesmo aquelles que já morrerão.

Anantes de nada, e só com o fim de fazer mal á humanidade, nos seus monarchias não sabem mais o que hão de inventar para lisonjear o espirito, e sempre a seu lado a malicia, formam partido numeroso, que os possuão e tentam á despeito das protestas dos bons cidadãos.

E' o que se faz neste paiz: ao aceno do poder tudo se move.

Hoje são Ministros aquelles que ontem chamavão as fardas de libris, os Estadistas que as vestião de criados, os membros do governo de salteadores, cujo chefe era o Rei.

Esses homens, que se disão republicanos, forão, ao aceno do poder, curvas-se ante o throno do monarcha.

Peliz tempos, em que a virtude civica, a consciencia, a moralidade, o caracter são plavias ras?

Em Roma, quando thurescent, nunca se deu tal facto: Tibério Graccho foi assassinado, victima do seu patriotismo e do seu caracter: meu pai, Sêneca o Africano, foi o modelo do patriotismo e da dedicação á república; e eu, defendendo os interesses da Republica e do povo, fui morto.

E hoje o que fazem os homens do Governo? Querem os homens do paradoxo e o contradictorio.

Tão tolo, menos da felicidade publica.

Houve um que, para se pôr em intelligencia, pensou na cremação dos cadaveres.

Cincinato, o meu bom compatriota que ha tempo se ajeita de um lado para se defender, e que seis mezes depois voltou para o seu trabalho de bem, e todas as forças de a a vida dos meus pais á cremação. Sim, a cremação é a cremação de cadaveres, e esse absurdo, rejeitado por toda a sociedade culta e por toda a paiz civilizada.

Fiquei pasmo, ouvindo falar nisso; reflecti sobre a vida de todas as nações do mundo, foliei a historia de todos os paizes, examinei todas as civilizações, e conclui que a idea da cremação, considerada sempre um absurdo inqualificavel, sempre pareceu repugnante á todos os povos antigos e modernos.

Contraria aos sentimentos naturaes do homem, subversiva de toda idea de ordem e religião, transgressora

dos principios legais estabelecidos, dos costumes publicos, a cremação de cadaveres não pode ser encarada senão como um projecto destinado a fazer barulhe, á semelhança de qualquer discurso bombastico.

Para demonstrar-o, não necessito de argumentos vigorosos, não preciso recorrer-se á dialectica, o simples bom senso é bastante.

Mas, perguntarei: que nação da antiguidade adoptou essa absurda maneira de funeraes? Nenhuma.

Os Egyptios, cuja civilização passou á Grécia, tinham tanto respeito aos seus mortos, que construíram pyramides para os depositar, que inventário o embalsamamento para conservarem as formas dos corpos dos seus maiores, que nunca se lembravão de profanar, por meio da fogueira, os cadaveres d'aquelles que em vida soffrêrão accusações terribes, e que erão transportados para uma ilha do Nilo.

Os Gregos nunca pensavão em tal: e, alem de muitos factos que o provão, a historia nos dá circumstanciada noticia do tumulo de Leonidas e dos 300 Espartanos mortos nas Thermopylas.

Os Romanos, da mesma forma: alem de muitos factos indicativos, temos a sua historia e a sua linguagem escripta, que é, sem contestação alguma, a mais solenne manifestação dos seus costumes publicos.

Os Illos, os Godos, os Wisigodos, os Gopitas, todas as nações barbaras, enfim enterravão os seus mortos.

Os Hebreus fazião o mesmo: a historia nos falla com bastante interesse dos tumulos de Sára e de todos os patriarches.

Os Gaulleses tinham os seus cemiterios de pedras, aonde enterravão os mortos.

Os outros povos, como os Babilonios, os Persas, os Macedonios, os Chinezes, os Tartaros, não nos consta que estabelecessem a cremação de cadaveres como exequias dignas de um morto, qualquer que fosse o seu estado.

Apenas, uma ou outra excepção encontramos; mas destituida de fundamentos.

Si assim é, se os proprios Barbaros tinham repugnancia de um acto barbaro e contrario aos seus sentimentos naturaes, como podem os povos modernos e civilizados adopta-lo?

Não; de forma alguma: as nações da Europa e da America, os poucos Estados civilizados da Asia, as Colonias da Africa, nunca em tal pensavão.

Essa idea não perthe dos seus go-

vernos, perthe das cabeças frescotas de certos homens que, se dizem philosophos e Estadistas, não haão senão de sustentar o paradoxo e o absurdo, uma vez que tenham fama e aquirição fatua.

E que necessidade levarão os governos modernos á fazer-o? Nenhuma.

Teria alguma utilidade para o Estado?

Seria uma medida aconselhada pela Higiene publica?

Não; como facilmente se deprehende, pensando maduramente.

A cremação, pois, é um absurdo, contrario aos sentimentos moraes e religiosos do povo, subversivo da ordem, e está em manifesta contradicção com o espirito moderno das nações civilizadas.

E' o que provarei positivamente, quando entrar na apreciação do topico Cincinato, de que me occupou Cincinato.

Por hoje limitar-me-hei á repetir as palavras de um grande pensador moderno, que magistralmente tratou do assumpto:

La folie humaine braver la loi, braver les leçons du bon sens et de la religion.

E, por enquanto, volto-me cá aos meus Campos-Elysios, de onde fui chamado por um discípulo de Allan Kardec.

Priza aos Céos que o meu evocador não seja cremado, depois de morto!

Caio Graccho.

(Continua)

CAMARA MUNICIPAL

VILA DO CRUZEIRO

Sessão ordinaria da dia 7 de Novembro de 1878.

Presidencia do senhor Firmo de Mello, Secretario B. de Brito.

Das sete dias do mez de Novembro de mil e oito centos e setenta e oito, no Paço da Camara Municipal da Villa do Cruzeiro, Terço de Lisboa as onze horas da tarde, onde se achavão o Presidente da camara o senhor Firmo de Mello, e os Vereadores Tenente Francisco José Gomes, Sêneca Junior, Manoel Dias dos Santos, Xavier, e os Supplentes dos Vereadores, o senhor Luiz de Souza, e o senhor Manoel Pereira dos Santos, e o senhor Luiz de Moraes.

Declarão de comparecer os senhores Firmo de Mello, Sêneca Junior, Manoel Dias dos Santos, Xavier, e os Supplentes dos Vereadores, o senhor Luiz de Souza, e o senhor Manoel Pereira dos Santos, e o senhor Luiz de Moraes.

Declarão de comparecer o senhor Firmo de Mello, Sêneca Junior, Manoel Dias dos Santos, Xavier, e os Supplentes dos Vereadores, o senhor Luiz de Souza, e o senhor Manoel Pereira dos Santos, e o senhor Luiz de Moraes.

Declarão de comparecer o senhor Firmo de Mello, Sêneca Junior, Manoel Dias dos Santos, Xavier, e os Supplentes dos Vereadores, o senhor Luiz de Souza, e o senhor Manoel Pereira dos Santos, e o senhor Luiz de Moraes.

Serão aceitos
com especial agrado
artigos de interesse
geral.

Não se devolvem au-
tographos.

ECHO MUNICIPAL

ORGAN LITTERARIO, NOTICIOSO E IMPARCIAL

Proprietarios
Munira & Filhos

REDACTOR
M. S. de S. J. de S. J.

Publica-se aos Domingos. Preço das assignaturas para esta freguesia 9\$000 para fora 10\$000 não se aceita por menos de um anno. An-
uncios a 100 reis por linha, e 50 reis para os assignantes; publicações a pedido, o que se convier. Todo o pagamento adiantado.

Collaboração

A cremação

(Resposta á Cincinato)

I

Respondo á illustrada collaboração do Echo Municipal.

Não sou monarchista; detesto a realza; e por isso não tenho fé, nem confiança no governo do meu paiz, seja liberal, seja conservador.

A minha educação foi democratica, foi republicana: minha mãe, que se chamava Correlia, ensinou-me bem cedo a religião do dever e mostrou-me quaes são as qualidades moraes que formão o caracter de um bom cidadão.

Detestando os reis pelo procedimento dos Tarquinios, considero Juão Bruto como o homem mais digno de dirigir o Estado, pelo facto de se sumir em si, como cidadão, todo o interesse, toda a abnegação, todo o respeito á lei e ao dever, de que jamais houve exemplos na historia.

O seu consilio produziu homens como Porcena e Mucio Scavola, e multos como a virtuosa Clelia: cidadãos que punho acima de tudo o amor da patria.

Es quem sou e o que penso: pertenço á familia dos Gracchos, amo a republica como o ideal dos governos, e detesto o governo immoral, que tudo transgrede, que calca aos pés os principios do dever e ultrapassa as regras da legalidade.

Se isso é pensar bem, eu devo dizer e devo mesmo afirmar que as nações monarchicas, regidas por soberanos que se dizem constitucionaes, não tem mais do que um governo pessoal que de dia em dia se vae transferindo em despotismo cruel e tyrannia lamentavel.

A monarchia, seja qual for o nome com que se mascara, aviltando os caracteres, cria o servilismo.

E' o que vejo presentemente neste paiz, para onde me trouxe um espirito, amante das tolhas philosophicas de Alan Kardec.

Estava eu no meu côo, bem satisfeito, em companhia dos meus compatriotas e correccionarios publicos, quando fui evocado á este mundo de miseria e á este paiz malhado.

Eu conhecia bem a terra em que pizava, pois lembre-me de que fui morto depois do assassinio de meu irmão Tiberio.

Porém, apesar de tudo isso, obedi-

dei á evocação e deixei os meus Campos-Elysios.

O século actual e os governos dominantes tem um grande desejo de guerrear, mesmo áquelles que já morrerão.

Amantes de novidade, e só com o fim de fazer mal á humanidade, as nossas monarchias não sabem mais o que hão de inventar para lisongear a opinião, ter sempre á seu lado a maioria, formar partido numeroso, que os possa sustentar á despeito dos protestos dos bons cidadãos.

E' o que se faz neste paiz: ao aceno do poder todo se move.

Hoje são Ministros aquelles que ontem chamavão as fardas de libras, os Estadistas que as vestião de criados, os membros do governo — de salteadores, cujo chefe era o Rei.

E esses homens, que se disião republicanos, forão, ao aceno do poder, curvai-se ante o throno do monarcha.

Felizes tempos, em que a virtude civil, a consciencia, a moralidade, o caracter são palavras cãs?

Em Roma, quando florescente, Graccho foi assassinado, victima do seu patriotismo e do seu caracter: meu pai, Scipião o Africano, foi o modelo do patriotismo e da dedicação á republica; e eu, defendendo os interesses da Republica e do povo, fui morto.

E hoje o que fazem os homens do Governo? Querem o absurdo, o paradoxo e o contradictorio.

Tanto é tudo, menos da felicidade publica.

Houve um que, para se pôr em evidencia, pensou na cremação dos cadaveres.

Cincinato, o meu bom compatriota que foi arrastado á relha de um arado para ser dictador, e que seis mezes depois voltava para o seu trabalho, defendendo com todas as forças da diallectica invencivel a cremação! Sim, a cremação!... a cremação de cadaveres! esse absurdo, rejeitado por toda a sociedade culta e por todo o paiz civilizado!

Fiquei pasmo, ouvindo fallar nisso; e sobre a vida de todas as nações do mundo, folheei a historia de todos os paizes, examinei todas as civilizações, e conclui que a idéa da cremação, considerada sempre um absurdo inqualificavel, sempre pareceu repugnante á todos os povos, antigos e modernos.

Contraria aos sentimentos naturaes do homem, subversiva de toda idéa de ordem e religião, transgressora

dos principios logaes estabelecidos dos costumes publicos, a cremação de cadaveres não pôde ser encarada senão como um projecto destinado a fazer barulhe, á semelhança de qual-quer discurso bombastico.

Para demonstrar-o, não necessitamos argumento vigoroso, não é preciso recorrer-se á diallectica, o simples bom senso é bastante.

Mas, perguntarei: que nação da antiguidade adoptou essa absurda maneira de funeraes? Nenhuma.

Os Egypticos, cuja civilização passou á Grecia, tinham tanto respeito aos seus mortos, que construíão pyramides para os depositar, que inventião o embalsamamento para conservarem as formas dos corpos dos seus maiores, que nunca se lembravão de profanar, por meio da fogueira, os cadaveres d'aquelles que em vida soffrerão accusações terribes, e que estão transportados para uma ilha do Nilo.

Os Gregos nunca pensavão em tal; e, alem de muitos factos que o provão, a historia nos dá circumstanciada noticia do tumulo de Leonidas e dos 300 Espartanos mortos nas Thermopylas.

Os Romanos, da mesma forma: alem de muitos factos indicativos, temos a sua historia e a sua linguagem escripta, que é, sem contestação alguma, a mais solemne manifestação dos seus costumes publicos.

Os Hunos, os Godos, os Wisigodos, os Gepidas, todas as nações barbaras, enfim enterravão os seus mortos.

Os Hebreus fazião o mesmo; a historia nos falla com bastante interesse dos tumulos de Sara e de todos os patriarchas.

Os Gaullezes tinham os seus cômodos de pedras, aonde enterravão os mortos.

Os outros povos, como os Babilonicos, os Persas, os Macedonicos, os Chinezes, os Tartaros, não nos consta que estabelecessem a cremação de cadaveres como exequias dignas de um morto, qualquer que fosse o seu estado.

Apenas, uma ou outra excepção encontramos; mas destituída de fundamentos.

Si assim é, se os proprios Barbaros tinham repugnancia de um acto barbaro e contrario aos seus sentimentos naturaes, como podem os povos modernos e civilizados adoptal-o?

Não; de forma alguma: as nações da Europa e da America, os poucos Estados civilizados da Asia, as Colonias da Africa, nunca em tal pensavão.

Essa idéa não partio dos seus go-

vernos, partio das cabeças tresloucas de certos homens que, se dizem philosophos e Estadistas, não tratão senão de sustentar o paradoxo e o absurdo, uma vez que tenham fama e adquirão fortuna.

E que necessidade levarão os governos modernos á fazel-o? Nenhuma.

Traria alguma utilidade para o Estado?

Seria uma medida aconselhada pela Hygiene publica?

Não; como facilmente se deprehende, pensando maduramente.

A cremação, pois, é um absurdo, contrario aos sentimentos moraes e religiosos do povo, subversivo da ordem, e está em manifesta contradicção com o espirito moderno das nações civilizadas.

E' o que provarei proximoamente, quando entrar na apreciação do topico inquisitorial, de que se occupou Cincinato.

Por hoje limitar-me-hei á repetir as palavras de um grande pensador moço do tumulo de Leonidas e dos 300 Espartanos: magistralmente tratou do assumpto:

La folie humaine braverait toujours les leçons du bon sens et de la religion.

E, por enquanto, volto-me cá aos meus Campos Elysios, de onde fui chamado por um discipulo de Alan-Kardec.

Praxa aos Cêos que o meu evocador não seja cremado, depois de morto!

Caio Graccho.

(Continua)

Leon Barreto

CAMARA MUNICIPAL

VILLA DO CRUZEIRO

Sessão ordinaria do dia 7 de Novembro de 1878.

Sob a Presidencia do senhor Firmo de Mello Secretario B de Brito.

Aos sete dias do mez de Novembro de mil e oito centos e setenta e oito, no Paço da Camara Municipal da Villa do Cruzeiro, Termo de Lorena, ás onze horas da dia, onde se achavam o Presidente da municipalidade o senhor Firmo de Mello, e os Vereadores Tenente Francisco José Gomes, Serafão Junior, Manoel Dias dos Santos Xavier, e os Supplentes dos Vereadores, Accioly, Paulo Gonçalves Pereira, Manoel Pereira dos Santos Castro, e Leon Lemes de Moraes.

Dezendo de comparecer o paço official os Vereadores Souto e da Silva, e os Supplentes dos Vereadores convocados José Pinto Ribeiro, e ahi se fizeram multidos em dois mil e trezentos e setenta e oito.

Dezendo de comparecer a parte official os Vereadores Gato e J. J. e Affonso, Muniz Barreto, em vista das faltas all gadas forão attendidos.

E havendo numero legal foi pelo senhor Presidente, declarada aberta a sessão.

EXPERIÊNCIA

Officinas-se ao Instituto Vaccinico da Corte, pedindo para quanto antes receberem laboratorios em laminas de chumbo a esta Camara, além de esta para a disposição dos municipios este preservativo, contra o contagio da epidemia de Variola, que actualmente grassa nas localidades circunvisinhas — Officinas.

INICIAÇÕES

Indico a esta Ilma. Camara, que em vista da mesma ter officiado ao Ilmo. sr. Dr. Presidente desta Provincia, em data de oito de Outubro do corrente, pedindo com urgencia approvação de um contrato que esta Camara fez com o senhor Paulino Gonçalves Pereira, da reparação de uma Ponte, sobre o Rio Embaú, na estrada que se segue pelo Povo Vinte e Nove, pela serra da Maniqueira, e como até esta data esta Camara não recebeu approvação do Exmo. sr. Dr. Presidente, como a dita Ponte se achava em estado deploravel quasi privando o transito publico, esta Camara haja de novamente officiar ao mesmo Exmo. sr. Dr. Presidente, pedindo que se digno approvar esta obra, além desta Camara realisar o mesmo contrato.

Pago da Camara Municipal da Villa do Ursino 7 de Novembro de 1878.

O Vereador Serapiao Junior.

É sendo submettida a discussão esta indicação, foi por unanimidade de votos — aprovada.

Deixou de votar, nesta indicação o Vereador Paulino Gonçalves Pereira, por ser interessado na materia, e assim tambem de assignar no officio.

Envista da indicação apresentada foi esta Camara de opinião que se officiasse no sentido exposto. — Officinas.

É sendo quatro horas da tarde e nada mais havendo a tratar, foi pelo senhor Presidente encerrada a sessão, marcando para sua conclusão, o dia seguinte.

Depois de lida e approvada a acta, assignou-se o Presidente o Vereadores.

Fu Bernardino Monteiro de Brito, Secretario a escrevi.

Firmo de Mello. — Presidente Serapiao Junior, Santos Xavier, Lemes da Moraes, Gonçalves Pereira, Santos Castro.

Variedade

O Relicario de Ouro. (2)

A noite decorreu triste, sombria e melancolica a familia inteira entregou-se ás lagrimas ao ao pranto; essa noite pareceu-lhe um século de dor e soffrimento — que um instante espiço na vida compensa de muitos sessenta annos de delicias e prazeres — um momento de afflicções e amarguras desesperadas, em que o coração perde o sentimento, a alma a consciencia da justiça, e o pensamento a esperanza, é o maior castigo que podem os ceos infligir aos miserios humanos.

Folhetim (6)

Aristides o Justo

«—»

—Sou do vosso mesmo parecer. Cyro: eisahi porque prefiro a aristocracia á temperada democracia. Certo dia, aconselhou um Lacedemonio a Lycurgo, que estabelecesse o governo popular, no qual o menor cidadão teria tanta autoridade como o maior. — Principia, lhe disse Lycurgo, a estabelecer o em tua mesma casa. —

Quiz Cyro alajar em seu palacio a Aristides e elle offereceu dinheiro e trastos. Tudo recusou.

Eil-os que ao romper da aurora, ainda coberta com algumas nuvens escuras, que precedem o crepusculo, se dirigem todos ao arraial.

Que differença não havia entre essa marcha taciturna, apressada e lacrimosa, que fazia aquella infeliz familia pelos caminhos cobertos de flores, e a que outróra executavam no meio dos prazeres, entre brincos e folguédos!

Então, tudo em torno lhes sorria — os passaros estavam brincando pela estrada saltando aqui e ali: das arvores como que uma lagrima de prazer se desprendia, saudando a aurora; as flores pluviam com mil cores diversas as descidas das colinas e outeiros, e as cachoeiras murmurando brandamente convidavam á adoração da Divindade — entre tanto essas vozes, esses canticos, esses hymnos da natureza não os ouvia a pobre familia agóra.

Seu pensamento não podia conter-se ao canto em que suas bellezas se fizessem n'esse momento admirar.

Elle viu Alberto, cercado por guardas, e já preparando-se para partir para a corte com muitos outros recrutados: e a pobre familia não podia salvar, pois que seus bens, toda a sua pequena fortuna reunida, não podia comprar a vontade de um homem, que o substituisse no exercicio.

Esse homem, esse hospede, que ninguém da familia conhecia, que apenas passara em sua casa algumas horas, a quem de estrangeiro chamavam, por que outróra nas villas interiores das provincias, estrangeiros se appellidavam todos, que alli não haviam nascido, ainda que seu berço não muito distante tivesse sido, Eugenio em fim, que assim se chamava este, assistia ao doloroso espectaculo de pranto e lagrimas de uma familia inteira, e que a ausencia de um membro irremediavelmente perdia.

Sua emoção duplicou, quando olhando para Carolina, cuja belleza e formosura o haviam encantado, e via banhada em um rio de lagrimas, que, como brilhantes perolas, se precipitavam de seus olhos tão puros e tão bellos.

—Meu querido irmão — dizia — ella a Alberto, eu juro por este Relicario de ouro, que me deu nossa adorada mãe na hora da morte, onde se acham guardados seus preciosos cabellos, eu juro por aquelle, que em vosso lugar se collocar, seja elle quem quer que for, merecerá

meu eterno reconhecimento, terá meu amor e meu coração; jamais serei esposa de outro.

Eis que toca o tambor: todos impalidecem.

É chegada a hora da partida. Falta-lhes a respiração, um estremecimento convulso e doloroso ataca todos os nervos.

Dez minutos se passaram sem que um só osas se abrir a boca, de todos que alli estavam — a velha tia, o avô, as duas doncellas e Alberto — minutos de desesperação e dor mais terríveis do que a certeza do maior mal, que nos possa sobre-vir — a hesitação o temor, o medo á esperanza ainda, que scintilla ás vezes, lhes apparecia como o nome de Deus, tudo tornava mais funebres ainda esses instantes de afflicção.

Então o cabo: brancas estão todas as physiognomias, ninguém ousa perguntar-lhe, indagar a hora da partida: todos pregam os olhos no chão.

O cabo soltou uma grande risada e gritou-lhes: — Com effeito, temos n'esse homem um bravo soldado! Bem foi o que succedemos. Oh lá! camarada, podeis voltar á vossa casa e plantar mandiocas e cafés que já temos um molhor do que vós; em vosso lugar.

—Salvo! exclamaram todos em uma voz.

—Sim, replicou-lhes o cabo. E já lá vão os recrutados pela estrada, levando poucos momentos de demora, vamos, podeis sair. Ah! tenho ainda uma commissão, de que me incumbiram.

—Quem é ali uma tal Carolina?

—Eul respondeu-lhe esta.

Então aqui tendes uma carta escripta a resposta, disse elle torcendo os bigodes de contente.

Carolina attonita recebeu toda tremula a carta, abriu-a e estre-meceu de novo.

«Senhora.»

«Vós jurastes dar vosso coração a vossa mãe, a quem tomastes o lugar de Alberto: amo-vos, e por elle parto, talvez vá morrer, entretanto, lembro-vos vossa promessa, e rogo-vos que me enveis por carra-tinha o Relicario de ouro, que por vossa mãe vos foi dado na hora de sua morte, e que contém seus preciosos cabellos. — Espera-me, que em dois annos tornarei, ou então estarei morto.» — «Eugenio.»

Elle tirou immediatamente de seu peçoço o Relicario. Beijou-o tres vezes antes de o entregar, com seu nome, e sobre aquella visita, Maior foi o seu pânico, quando viu que Cyro veio acompanhá-lo, fallando com elle familiar e affectuosamente.

De volta á sua estalagem, lhe perguntou o estalejadeiro — se tinha visto o principe, e se estava satisfeito delle?

—Sim, amigo, lhe respondeu: tratou-me a meu gosto: serve-me tu tambem do mesmo modo com um prato de legumes.

Chegada a hora de coar, veio aquelle homem dizer-lhe que já estava servido. Faz-lhe grandes cortezias; tratou-o com cerimonia e com respeito, e lhe supplicou que o desculpasse, por não ter tido com elle as attengões que merecia.

Elle lhe respondeu que não es-

ta pensando não tornar-o mais a ver, banhou-o com suas lagrimas, e deu-o ao portador da carta. Correu á estrada, para ver passar aquelle, que, unico agóra, deveria ser seu esposo.

Já, porém, ia longe, e apenas pôde ver o cabo entregar o Relicario a um dos recrutados, que antes de desaparecer de seus olhos, virose para ella e mostrou-lho.

Elle ajoelhou-se, levantou seus olhos humedecidos para o cabo, e disse:

—Meo Deus! Meu Sanho! Fazei que volte breve o meu Relicario de Ouro! (Continuar-se-ha.)

Folhetim ao Comprido

23 de Novembro de 78.

Embora chuvoso, e mesmo triste, não esse dia, apresentando essa monotonia horivel que nos enche a alma de ideas tristes, tudo isso porém desapareceu ao chegar-mos á Fazenda do Capitão Francisco José Gomes Serapiao. Ali encontramos o sorriso, a satisfação e a alegria, era que nesse dia ia ter lugar o enlace matrimonial do nosso particular amigo o sr. Riphania Gomes Pereira do Castro com a sua sobrinha — a exm. sr. D. Flavia Gomes, digna filha do sr. Capitão Serapiao.

O que disser-mos dessa amvel reunião? Que esteve magnifica e sumptuosa, digna em todo o sentido do cavalheirismo, franqueza, e finura que costumam dispensar para com os seus hospedes o sr. capitão Serapiao.

Tive pois logar o casamento ás 3 horas da tarde, sendo testemunhas por parte do noivo o Dr. José Ignacio de Macedo, e pela da noiva o sr. Baptista d'Azevedo.

Seguiu-se á esse acto tocante por sua natureza finalizado com os competentes aplausos, um sumptuoso jantar, onde o Dr. José Ignacio dirigio aos noivos o brinde de honra, saudando a deus entes, que se sublevarão occultar por tempos sob as delicadas fibras do coração uma paixão ardente, e que foram revelar-se diante do altar, áelles pois dirigio-lhes sinceros parabens, onde envolvia um bouquet de perpetua felicidade; seguiu-se outro brinde do mesmo aos pais da noiva: do Capitão Serapiao aos seus numerosos amigos convidados, penhorado

tava queixoso delle, e que o dispensava de seus cumprimentos e cortezias. Foi sentar-se á meza, e achou uma ceia sumptuosa e delicada.

—Amigo, lhe perguntou, quem te encomendou este banquete? Esqueceste-te que não te encomendei senão um prato de legumes!

Responden-lhe, que um official de Cyro viera ordenar-lhe, da sua parte, que o tratasse bem.

Leva tua ceia, lhe disse, e deixa-me sómente estes legumes, e se o official voltar diz-lhe que aconselho ao principe, que guarde seus mantimentos porque tem mais gente que sustentar que eu.

(Continuar-se-ha.)

De extrema satisfação por ver que realisando-se nesse dia um desejo ardente de seu coração paterno, vê com prazer que é elle cercado pelos seus amigos, que vierão tomar parte também na íntima satisfação de que se acha possuído; do sr. Epiphânio Gomes a todos os seus amigos que vierão honrar com suas presenças acto tão importante da sua vida; do Dr. José Ignacio ao sr. Candido Pereira Leite, distincto fazendeiro residente no Piquete, do sr. Julio ao sr. David Pereira de Mello, ainda do mesmo sr. Julio ao Dr. José Ignacio, deste sr. ao Dr. Getúlio Moreira de Castro Lima, do sr. Paulino Cardoso em eloquentes palavras ao sr. Epiphânio Gomes; do Dr. José Ignacio ao bondoso amigo o sr. Candido Marcondes e sua exm. sr. que ligados pelos sentimentos de estreita amizade ao Capitão Serapião, vêm sempre com todo o prazer e satisfação prestar os seus serviços nestes dias solemnes ao seu amigo, ainda do Dr. José Ignacio aos seus amigos o sr. Julio, David de Mello e Candido Ramos Ferreira de Abreu; seguirão-se outros muitos brindes, de que não nos recordamos agora, e que foram sempre calorosamente correspondidos.

Finalizado isto, não tardou a começar o baile, que teve lugar em espacosa sala, que apesar de não abundar em madamezinhos por causa do tempo, porém emgerado e de capricho tornou uma reunião animada até amanhecer.

As quadrilhas, polkas e walsas succedido-se, porque ao som da excellente banda musical do sr. Mamede não se podia resistir, as mestres-salas entusiasmadas até o delirio, não deixavam esfriar a reunião.

Perguntará agora, queridos leitores e leitoras, quem foi a rainha do baile?

É sempre um problema este muito importante a resolver porque é occasião em que o folhetinista piza em verdadeiro terreno de espinhos, encarnados nas rozas que ornão com suas bellezas o salão do baile.

Pois bem, quem saber a todo custo? pois vamos satisfazer tão justa curiosidade: perguntai aos poetas qual é a estrella mais poetica do firmamento, d'onde recebem divinas inspirações para a modulação de suas lyras, perguntai ao jardim qual a flor que mais lhe adorna? Vos será respondido que é a estrella que mais brilha na amplidão dos ceos, que é a camelia na belleza, a roza no perfume, a aquicena branca na candura, pois bem estes dotes acharam-se reunidos naquella que trocou n'aquelle dia a coroa de virgem pela de esposa.

Se ahi logico—tirai agora a conclusão.

Não queremos diser com isto que as outras moças que ali estiverão, só tinham contos a ajustar com o Diogo, não, isso não, seria demasiada injustiça de nossa parte, figurarmo ali verdadeiras bellezas. O toilette em geral, esteve n'altura da reunião, foi pena somente que os mastro-salas no santo entusiasmo que os dominava, fizessem ás vossas marcos na quinta parte da quadrilha, que mais pareciao verdadeiras tiroteiros em batalhas, que algumas moças, principalmente uma vistada de azul e enfeites brancos, de rosa na cabeça achava mais prudente jogar o serio com o

seu par e visã vis, e tinha razão, porque o turbilhão podia arrebatá-la.

Mas tudo foi permitido, um baile para ter animação, é preciso ser assim.

E desta maneira finalisou-se esse reunião, deixando fundas saudades n'aquelles que sabem apreciar principalmente as dignas qualidades que caracterizão os pais da noiva, a o sr. Epiphânio Gomes, para quem não desejamos a pensamento amargo do poeta:

«Sorrisos, e prantos, e raio e sombras, E goivos, e rosas, e a briza a fugir....

Imagens da vida, saudades poe- gentes, Crepusculos incertos do incerto porvir....

Desejando-lhe sim, o edilyo perpetuo de felicidade.

Philemon.

J. Epiphânio Gomes

NOTICIARIO

Consorcio. — A 30 de Novembro proximo passado receberam-se em matrimonio o sr. Antonio Aniceto Coutinho e a exm. sr. D. Rita Vieira Ferreira, digna filha do nosso amigo sr. José Joaquim Ferreira, importante fazendeiro no municipio do Cruzeiro.

O acto teve lugar em oratorio particular, na fazenda da Florista, de propriedade do mesmo sr. J. Ferreira, e como celebrante alli se achou o sr. Padre Pedro J. da Veiga, vigario do Cruzeiro.

Parabens aos desposados e ás suas exm. famílias.

Resposta. — Pela grande affluencia de material em nossa officina, e que demanda prompta publicidade deixamos de dar hoje a indispensavel resposta ao nosso collega *Laborador Imparcial* que, no *Correio Paulistano* de 28 de Novembro passado commenta o nosso editorial de 24 do mesmo mez.

Fal-o-hemos opportunamente.

Fallecimento. — Falleceu no dia 29 do mez passado o sr. Alfredo José da Silva Barboza, filho do sr. Bento José da Silva Barboza Ortiz, fazendeiro deste municipio.

Nossos pezamas ao sr. Ortiz e á sua exm. família

Jornal da Tarde. — Recebemos alguns numeros de um jornal diario, que com o titulo de *editado na capital de S. Paulo*, sendo propriedade de uma associação.

Agradecendo-lhe remessa dos n.ºs que nos fez o digno collega, desejamos que o *Jornal da Tarde* siga um caminho juncado de virentes flores.

A PEDIDOS

Cruzeiro

O sr. Tristãozinho.

Correspondendo a excessiva be-

nevolencia e urbanidade de s. s. sr. *Tristãozinho*, é de rigoroso dever que antes de penetrar no grão da materia — faça-lhe também uma barretada si não *avec um petit chaprau*, ao menos com o meu já ro- tido n'olope.

Blandicia por blandicia.

Emprazet, sim, a s. s. e a seu intimo para uma discussão minuciosa no terreno livre e não no da civilidade, por entender que já eram dotados d'este ultimo requisito; discussão que sustentarei até ao infinito, ainda que não mereça (na qualidade de *ruim defuncto*) as suas preciosas céras.

Jamais jactei-me de possuir alta e veneranda intelligencia, mas sim de bastante tranquera para dizer sem rebuço aquillo que sinto a quem quer que seja.

Não se arreceie. Tenho uma natureza rebelde e não susceptível do mal que soffre s. s. : n'outros termos, nunca tive pretensões á litterato á guisa do *Mal dos Vinhos*, nem a poeta d'agua doce, nem tão pouco a consummado charadista.

(Entre parentheses — Dasco a pegar a luva que me atira, ou antes, vejo-me obrigado a commentar um amontoado de asneiras, um amalgame que vem salpicando as columnas do jornal de Lorena, n.º 22, por deparar alli o meu notoso servido de epigrapho ao portento producto da sua monumental intelligencia! Em meu *artiguetto* do *Eczofoque* xjs. tomou por base para encetar esta polemica cu me refiri sempre a um *praxista* da Soledade, a um *jurisconsulto* sem carta : agora fiquei sabendo, por assim m'o confesar s. s., que é nem mais nem menos o sr. *Tristãozinho*, o incognito *praxista*).

Pede-me venia? para que? para discentir com migo?

A mim, um pobre ignorante na sua esclarecida opinião? Isto é que é puro *debiqne*! Não serei eu que lhe véde a entrada para a republica das letras! Estas são sim verdades por grossas muralhas; mas os *amadores* ahi penetram por largas portas por onde também passam muitos *orelhudos*.

Nem tanta modestia, n'ho *Tristãozinho*! Para que julgar-se *fraco de recursos intellectuaes*, quando é o primeiro a jactar-se de serem os seus *bellissimos* trabalhos litterarios de lavra propria? Quer *melhor* recommendação, mais honrosas credencias para dar-lhe todo o jiz a collocar-se a par de Alencar, dr. Macedo o romancista popular, B. Guimarães, o autor das *lendas do sertão*; e no lyrismo Castro o Alves, Casimiro de Abreu o Alvares de Azevedo?

Protesto com toda a energia contra a inverdade do que s. s. avan- ça quando diz que sou o *mais competente* para dizer que s. s. *assessorou a camara em sessão de 29 de Outubro*, por isso que tem muitas vezes *assessorado a mim!!* Bo- nito! n'ho *Tristãozinho*!

Julgava-o possuidor de mais um pouco de pudór, que não o levaria a

lançar uma tal proposição que além de absurda é irrisoria! Quando e como s. s. *assessorou-me*? Si é bom assessor, como diz, ao menos praticamente não o sei; ouço apenas as trombetas da fama apregoarem os seus altos *conhecimentos* de direito revelados nas importantes questões civis e criminaes que se movem no fóro do... Cruzeiro.

Diz s. s. que precisa pedir-me licen- ça e ter as iniciais J. R. C. para ter levado o sr. Fleming a commetter uma *leviandade*. Asseguro-lhe que com os proprias iniciais T. G. P. não foi a primeira vez que assim procedeu s. s., e si não, lembre-se do acto que obrigou a commetter o seu bondoso irmão P. n'uma questão que se agitou na Camara em certa sessão, cuja questão tratava de ventilar o vereador sr. Seixas.

Não contesto as boas qualidades que possui o sr. Fleming, antes as reconheço; e tanto mais dá disso evidentes provas quanto é certo que cavalheirosamente já em parte concordou com migo na questão que se prende a esta no que lhe diz respeito, e estou certo que mais tarde convirá também que houve realmen- te *assessor* na sessão de 29 de Outubro.

Aguardo apenas alguns docu- mentos para chegarmos á eviden- cia d'este facto.

Lamento estar s. s. já na Soledade. E um tanto longe para remetter-lhe um *etkel* como prova significati- va de gratidão pelo officioso consel- lho que me dá — de *bem reflectir* o que digo. Tenho consciencia dos meus actos; e pois, com a sua pre- vención não descubriu a polvora.

Não se impaciente sr. *Tristãozinho*: o que prometti-lhe é divi- da; as circumstancias que não que- ria anticipar terão seu tempo.

Lá chegarei uma vez que pede, e ainda que me assegure de não dar- me a *honra* de nos correspondermos pelos jornaes.

Pontos de reticencia, diz s. s., de que muito usa, etc. Devolvo intacto o *minho*: pontos de reticen- cia coadunam-se perfeitamente com caracteres ambíguos, e prestam-se maravilhosamente ao uso d'*aquelles* que não tem bastante coragem da sustentar os seus actos.

Convencer-me-ei que os meus escriptos são de lavra alheia, quando s. s. poder provar-me que as suas *bellas* produções saem sómente da sua *habillissima* penna, e que nem um *post escriptum* aceita em- prestado.

Ignoro em que funda se s. s. quan- do diz que chamo a outrem de *falso de recursos intellectuaes*.

Em que parte do meu escripto se acha tal asserção?

Liger e non intelligere é mal que afflicta a muita gente simp e enfastiada e o que é mais: com pretensões a douda!

João R. Corrêa.

(Continúa.)

AGRADECIMENTO

Bento José da Silva Barboza Ortiz, agradece a todas as pessoas que tiveram a bondade de acompanhar até a sua última morada, os restos mortaes de seu presado filho Alfredo José da Silva Barboza, e bem assim a todos que se dignaram assistir á missa do sétimo dia que em suffragio d'alma do mesmo fez celebrar na matriz desta freguezia sexta feira 6 do corrente.

A todos sua eterna gratidão por esses actos de caridade christã.

Cachoeira, 8 de Dezembro de 1878.

Pergunta-se. Por que se dá que Carlos Pinto Dias, tem pago a exigencia da respectiva Camara, os direitos para poder matar gado, e a Victorino de Almeida Cunha não é exigido esses direitos?...

A ser assim, o Carlos, tambem tem direito a não continuar a pagar, e ainda a reha-ver o que já tem pago.

Auto do corpo de delicta em João Moreira dos Santos.

Em uma publicação do Subdelegado de Polícia em exercicio o sr. Claudio de Almeida Palma no Echo Municipal de 1 do corrente—le-se: em quanto o author da mofina tenho a dizer que a autoridade desta freguesia para punir com o sagrado de ver que não posto pela lei a não precisa interposições de quem quer que seja apenas estes tem o direito de accusarem a mesma perante as autoridades superiores quando os seus actos não estejam dentro da esphera da lei.

Quando entrei em exercicio do cargo de Pr motor Publico da Comarca fazendo a devida commentação deste facto ao Subdelegado desta freguesia concido o facto criminoso perpetrado na pessoa de João Moreira dos Santos: então, aproveitando-me da oportunidade em meu officio indaguei sobre isso taes foram os cores feias com que me descreveram esse facto, pedi-lhe então energia no emprego das diligencias legais.

O Sr Subdelegado teve a diligencia de responder-me que tomava em consideração o que lhe fazia ver, pois até então ignorava esse acontecimento, de facto pessoalmente medisse que havia-se procedido ás diligencias legais mas que o auto de corpo de delicto havia declarado os ferimentos leves, e por consequencia sem procedimento official: observei-lhe então que não deixou de ser isso um mal, pois estava informado que os ditos ferimentos tinham causado grave incommodo de saúde, mas que pela parte da autoridade tinha esta cumprido com os seus deveses.

Appareceu a mofina que o sr. Subdelegado responde, e pela linguagem que emprega a vista dos antecedentes a que narro, parece querer referir-se a mim. Si assim é, digo-lhe: em primeiro lugar não sou author de semelhante mofina, como poderá dizer o Redacção deste jornal a quem interpellou (*) a este respeito, em segundo no exercicio do cargo de Promotor Publico tenho a coragem precisa para dirigir-me ás autoridades no que disser respeito a pesquisas e investigação dos crimes, como já o tenho feito, e creio que assim procedendo cumpre com meus deveres.

E para desejar que os autos de corpo de delicto sejam sempre bem feitos, para que a lei não seja sofismada na repressão de crimes que offendem altamente a sociedade.

4 de Dezembro de 78.

José Ignacio de Macedo

Temos por vezes mandado o recibo do nosso jornal a diversos assignantes, os quaes ainda não nos satisfizeram a importância de suas assignaturas. Pedimos portanto do novo assignamentos o obsequio de mandarem com brevidade satisfazer-nos visto sermos assim obrigados a vista da grande despesa que fazemos com a empresa.

E-peramos que os nossos dignos assignantes tomando em consideração o justo pedido que fazemos, venhão quanto antes nos satisfazer.

Moreira & Seixas

ANNUNCIOS

Cachoeira

O Doutor Hildefonso Ascanio de Azevedo, medico operador e parteiro,—tendo fixado sua residencia n'esta freguezia offerece os seus serviços medicos, ao respeitavel publico acceitando chamados para qualquer parte e a qualquer hora do dia ou da noite.

Bá consultas na Villa do Cruzeiro, na casa de propriedade da exma. sra. D. Anna de Seixas, ás quintas-feiras e domingos do meio dia ás duas horas da tarde, e na impossibilidade nos dias immediatos.

N'esta freguezia, todos os dias das seis horas da manhã ás nove da noite. Gratis aos pobres.

Cachoeira, 8 de Dezembro de 1878.

12—1

(*) Não, senhor, S.S. não tomou parte nem directa nem indirecta na alludida publicação. N. da Redacção.

ATENÇÃO

Monteiro & Lobo
Tem para vender legítima formicida Cajanema por preços razoaveis.
Cachoeira

Pharmacia N. S. das Dores

O pharmaceutico Theodoro Fragoso Rhodas, tem a subida satisfação de annunciar ao illustrado povo de Cachoeira, Cruzeiro, Sapé, Silveiras, P. nheiros, Lavrinhas e etc que abriu um estabelecimento chimico-pharmaceutico, capaz de cumprir com o melhor e mais bem sortido d. Corte, actuando-se por este motivo apto a aviar com promptidão e fidelidade qualquer receita, e por consequente a bem servir o respeitavel publico, do qual desde já pede a valiosa protecção e anticipa sua sincera gratidão.

Cachoeira, Novembro de 1878

AVIZO

Carlos Pinto Dias, havendo fechado o seu pasto, como determina a lei, previne aos srs. donos de animaes que costumão servir-se de pastos alheios, que — d'hora avante, qualquer animal que seja em seu pasto encontrado, o fará entregar a autoridade competente, afim de ser lançado ao curral do conselho.

Cachoeira, 15 de Novembro de 1878.

C. P. D

Guaratinguetá

(Unica Medica Cirurgica

Dr. Augusto Cesar de Miranda Azevedo, tendo fixado residencia n'esta provincia, offerece a seus comprouvianos os seus serviços profissionaes, acceitando chamados ou convites para conferencias em qualquer ponto da mesma provincia. Derigir-se ao mesmo em Guaratinguetá.

20—9

SELLIM.—Rogamos á pessoa que pedio nas vésperas das eleições um sellim ao sr. Midões, que tenha a bondade de entregá-lo.—do contrario verá o seu nome publicado n'este jornal, com o competente commentario que o caso exige.

Cachoeira, 19 de Novembro de 1878.

«—»

FAZENDA

A VENDA

No Municipio da Villa do Cruzeiro, distante duas leguas d'esta freguezia,—vende-se por commodo preço uma das melhores fazendas de cultura com excellentes terras em matta virgem e capoeirões. Tem duas moradas nas melhores condições e todas as dependencias de um estabelecimento rural.

A sua area deve conter cerca de tresentos alqueires.

Quem pretender, dirija-se a esta typographia que se dirá com quem se tracta.

O vendedor offerece ao comprador todas as vantagens na venda.

E' negocio decidido, e bom emprego de capital.

15—1

Tip. do Echo